

Opinião

Correio da Inclusão

Página do Fórum de Cidadania pela Erradicação da Pobreza – Braga



ALBERTINO GONÇALVES sociólogo, professor universitário

Imagens da pobreza

Mais ou menos visível, a pobreza está presente em todas as sociedades. Assume, porém, formas e suscita olhares diversos. A pobreza pode ser encarada como um mal e o pobre como um ser diminuído por características inerentes tais como incapacidades e deformações. Deste modo estigmatizada e menosprezada, a figura do pobre, habitualmente associada a anões e inválidos, resulta rara e menor na arte. Esta imagem negativa, por vezes vergonhosa, costuma predominar em sociedades mais motivadas pelo ideal da perfeição e do aperfeiçoamento, tais como a Grécia Clássica ou o Renascimento. No primeiro caso, são exemplos algumas pequenas estatuetas decorativas e, no segundo, *Os mendigos e Parábola dos Cegos*, de Pieter Brueghel O Velho, ambos concluídos em 1568.

A empatia aumenta quando o pobre, para além de uma anomalia, é concebido como uma vítima de um qualquer destino pelo qual é pouco ou nada responsável. Trata-se de um fado e de um fardo, bem ilustrados pela *Alegoria da Pobreza*, de Adriaen van de Venne, de 1630. Um mendigo cego conduzido por um cão carrega uma velha, por seu turno, com uma criança empoleirada. Junto aos pés, a seguinte mensagem: "são pés frágeis que devem carregar a pobreza". Nesta aceção, o pobre carece e merece ajuda, caridade cristã. Nos séculos XVI e XVII, multiplicam-se os motivos com o tópico da partilha. Por exemplo, São Martinho a dividir a capa com um mendigo (e.g. El Greco, *São Martinho e o mendigo*, 1599) ou Santa Cecília a repartir os bens (e.g. Domenico Zampieri, *Santa Cecília distribuindo esmolas*, 1616). O quadro *Obras de misericórdia*, de Pieter Brueghel O Jovem revela-se emblemático. Baseado num desenho do pai, Pieter Brueghel O Velho, contempla sete situações de interação correspondentes a outras tantas formas de caridade. É verdade que nestas imagens cabe aos generosos um papel mais ativo do que aos assistidos. O acento é menos colocado na pobreza e mais na misericórdia,



dia, virtude particularmente prezada e apregoada pela Contrarreforma.

Ser vítima do destino, divino, natural ou de si próprio difere de ser produto das circunstâncias históricas e sociais. O foco, a origem e a responsabilidade desviam-se do indivíduo para o contexto. A pobreza prende-se com as configurações e as dinâmicas económicas, políticas e sociais; das crises, das guerras e das injustiças. O maneirista Jacques Callot foi um pioneiro ao desenhar, na série de gravuras *Os mendigos* (ca. 1623) soldados errantes ou inválidos no rescaldo da Guerra dos Trinta Anos. Esta interpretação da pobreza co-

mo fruto das circunstâncias desenvolve-se ao longo dos últimos quatro séculos. Destacam-se artistas como Giacomo Ceruti (1698-1767), Francisco de Goya (1746-1828), Gustave Doré (1832-1883), Fernand Pelez (1843-1913) ou Candido Portinari (1903-1962).

Da maioria dos retratos desprende-se uma impressão de vulnerabilidade e dependência, de desalento e impotência. Predominam, por ordem decrescente, as crianças (e.g. Jusepe de Rivera, *O Pé Torto*, 1652 e Bartolomeo E. Murillo, *O jovem mendigo*, 1645-1650), as mães com crianças, eventualmente ao colo (e.g. Gia-

como Ceruti, *Mãe com os filhos*, ca 1730-35 e Fernand Pelez, *Sem asilo*, 1883), e os velhos, com ou sem crianças (e.g. Jusepe de Rivera, *Mendigo cego e uma criança*, 1632 e Pablo Picasso, *Velho mendigo com um menino*, 1903). A postura tende a ser passiva, de abandono ou alheamento, senão de desânimo (e.g. Fernand Pelez, *Um mártir. O vendedor de violetas*, 1883, Thomas B. Kennington, *Orfãos*, 1885 e Pierre Citron, *Mendigo*, 1985). Por vezes, numa posição frontal, o olhar interpela e comove o observador interpelam-no e comovem-no, como a "Pequena babá", de Hariton Platonov, 1880, ou os meninos em lágrimas, de Giovanni Bragolin (1911-1981). Quando em atividade, entregam-se a tarefas ingratas (e.g. Jean-François Millet, *As respigadoras*, 1857 e Nicolaj Kasatkin, *Pobres recolhendo carvão numa mina exaurida*, 1894), deambulam (e.g. Cândido Portinari, *Os retirantes*, 1944) ou alimentam-se frugalmente (e.g. Francisco de Goya, *Dois velhos comendo sopa*, 1819-23 e Vincent van Gogh, *Os comedores de batatas*, 1885).

Um último apontamento sobre uma imagem especialmente arreigada e partilhada. A miséria, mormente extrema, pode provocar desumanidade, inclusivamente uma espécie de suspensão da moralidade. Abre, assim, a porta ao desvio, à marginalidade, à transgressão, ao vício, ao crime e à violência. Ilustram estes cenários pinturas de Adriaen Brower (e.g. *Cena da taberna*, 1624-25 ou *Camponeses brigando por cartas*, 1631-35), bem como gravuras de Francisco de Goya (das séries *Caprichos*, 1799, e *Desastres da Guerra*, 1810-15) ou de William Hogarth (Gin Lane, 1851). Esta imagem é suscetível de alimentar suspeitas e receios em relação ao mundo da pobreza. Os pobres correm o risco de engrossar as "classes perigosas", segundo a expressão de Louis Chevalier (*Classes laborieuses et classes dangereuses*, Paris, Plon, 1958), e o *Lumpenproletariat*; tão criticado por Karl Marx.

Contraditórias ou não, estas diferentes imagens da pobreza podem coexistir numa sociedade e até numa mesma pessoa.

Correio do Minho



PROPRIETÁRIO E EDITOR
Arcada Nova – Comunicação, Marketing e Publicidade, SA. Pessoa colectiva n.º 504265342. Capital social: 150 mil euros. N.º matricula 6096 Conservatória do Registo Comercial de Braga. Detentores de 5% ou mais do capital social: Paulo Nuno M. Monteiro (99,5%)

SEDE Praceta do Magistério, 34, Maximínos, 4700 - 222 BRAGA, Telefone: 253309500 (Geral)

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO administracao@correiodominho.pt Paulo Nuno M. Monteiro (administrador único).

SEDE DA REDACÇÃO Praceta do Magistério, 34, Maximínos, 4700 - 222 BRAGA, Telefone: 253309500 (Geral) e 253309507 (Publicidade) - Chamada para a rede fixa nacional.

DIRECTOR COMERCIAL comercial@correiodominho.pt Antonio José Moreira

DIRECTOR DO JORNAL director@correiodominho.pt Paulo Monteiro (CP1145)

CORPO REDACTORIAL redacao@correiodominho.pt

Chefe de Redacção: Rui Miguel Graça (CP4797)

Subchefe de Redacção: Carlos Cosentino Soares (CP9574)

Redacção: Fábio Moreira (CP8359) Joana Russo Belo (CP4239A), José Paulo Silva (CP679), Líbânia Pereira (CP 8444), Marlene Corqueira (CP3713), Miguel Viana (CP1958), Paula Maia (CP4259), Rui Serapicos (CP1763).

Fotografia: Rosa Santos (CP4402).

Gratismo: Filipe Ferreira (Coordenador), Filipe Leite e Rui Palmeira.

Nota: Os textos assinados são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

NOTÍCIÁRIO: Lusa.

Estatuto editorial disponível na página da internet em www.correiodominho.pt

ASSINATURAS

assinaturas@correiodominho.pt

ISSN 9890, Depósito legal n.º 1807/987; Registo na ERC n.º 100045;

DISTRIBUIÇÃO: VASP

IMPRIME: Naveprinter, Indústria Gráfica do Norte, SA. Lugar da Pinta, km7.5. EN14 - Maia. Telef. 229411085. Fax: 229411084

TIRAGEM 8 000 exemplares